

A pluralidade e as singularidades em nossa transmissão

Diálogos da última edição deste **Boletim** trouxe os bastidores – e um pouco da história – dos nossos eventos. Desta feita, apontamos nossa mira para o corpo de professores – representados aqui por Adela, Audrey e Elsa¹ – na tentativa de entender como se dá a convivência entre kleinianos, bionianos, lacanianos e afins, em um grupamento de transmissão de psicanálise. É fundamental lembrar que o interesse de nossas entrevistadas – assim como o de seus colegas de curso – pelo autor cujo seminário são responsáveis é fruto de muito estudo, pesquisa e prática clínica, de uma escolha há muito realizada (anterior à existência do Departamento) dentro das escolas de psicanálise, não se resumindo meramente à preparação de aulas. Pode-se dizer que se trata aqui de posicionamentos muito singulares dentro do legado freudiano. Como então compartilhar do mesmo espaço, comungar do mesmo projeto de transmissão, e ainda, fazê-lo de modo “aparentemente” harmonioso, como vimos no último Colóquio?

BOLETIM: Inspiradas no Colóquio sobre a Transferência², propomos a vocês uma conversa sobre a possibilidade da pluralidade no Departamento. Ela existe de fato? Como se sustenta?

Audrey: acho que nos eventos, e vimos isso principalmente nos dois Colóquios, tivemos uma abertura para a escuta, o

¹ Adela Stoppel de Gueller, Audrey Setton L. de Souza, Elsa Vera Kunze P. Susemihl (ver mini-cvs ao final do texto)

² II Colóquio de Psicanálise com Crianças: A Transferência na Clínica com Crianças, ocorrido em 31 de agosto e 01 de setembro de 2012

que achei muito interessante. Escuto o que os lacanianos têm a dizer, acho que me escutam também, de certa forma, são momentos em que se rompe com uma certa ideia mais estereotipada do que são as várias abordagens, acho que essa é a grande vantagem. Mas isso ainda não implica em um trabalho criativo de junção das várias linhas da psicanálise.

BOLETIM: talvez seja uma visão romantizada, mas no último Colóquio, havia algo diferente do que muitas vezes assistimos em outros espaços, com desavenças e até brigas; aqui tivemos conversas onde as pessoas podiam se escutar. Talvez pelo respeito, pela amizade...

Elsa: Vejo parecido com a Audrey: percebo que esses eventos têm uma importância até para nós, do Departamento, como um momento em que temos tempo de escutar uns aos outros. Acho que ao longo de todos esses anos, por uma série de questões que passam também por afinidades pessoais, pelas nossas histórias de formação, de se conhecer da USP, uma identidade de origem, fomos criando uma cultura de boa convivência. E em função disso, convivemos com a diversidade.

Audrey: Acho que batalhamos pela diversidade.

BOLETIM: Então vocês reconhecem uma batalha, um esforço?

Audrey: acho que sim.

Elsa: É uma marca que, aos poucos, fomos percebendo que tínhamos, que era bem vinda e que queríamos manter. De fato, a convivência é um primeiro ponto, mas temos um longo caminho pela frente. Por enquanto, temos bem pouco confronto, pouca conversa. Há o respeito, cada um dá espaço para o outro, reconheço um cuidado em relação a isso, mas as diferenças não são realmente confrontadas mais detalhadamente. Mas quem sabe possamos começar a caminhar para isso. Acho que essa conversa entre as

diferentes linhas da psicanálise, de compor alguma coisa, aqui no nosso grupo, é um caminho a ser feito ainda.

Audrey: por outro lado, reconheço que não é pouco a posição de respeito, essa luta que todos os eventos têm de chamar palestrantes de diferentes abordagens, de montar mesas mais plurais. Pensando no curso, tivemos, por exemplo, nas supervisões, um movimento recente de reinserir mais analistas que trabalham com a escola inglesa.

BOLETIM: No Colóquio essa pluralidade fica mais nítida para quem está de fora, a forma como as mesas são montadas, o cuidado de se chamar representantes das várias escolas de psicanálise, mas como isso se passa no dia-a-dia do curso de especialização?

Elsa: Nesse exemplo da supervisão, foi algo que, aos poucos, aconteceu: quando nos demos conta, nós, da escola inglesa, simplesmente não havíamos nos interessado em dar supervisão naqueles últimos tempos. Mas acho que o mais importante é que foi o grupo, como um todo, que percebeu essa ausência de supervisores da escola inglesa como algo a ser corrigido no curso. Percebemos que os alunos estavam tendo mais dificuldade em acompanhar as aulas teóricas de Melanie Klein e entendemos que, parte disso, poderia ser pelo fato de não haver exemplos da prática clínica sob essa perspectiva, a supervisão então não estava contemplando essa visão da psicanálise.

Audrey: acho que foi uma postura de respeito, um cuidado do corpo de professores de perceber que estávamos nos afastando. Tanto que isso é acolhido com facilidade. Mas concordo com a Elsa: a troca teórica não existe entre nós, e nem sei se há desejo que aconteça. Identifico muito mais uma postura de respeito e de querer guardar esse lugar. É uma postura do grupo como um todo. Talvez, construir esse espaço no qual os confrontos possam ser explicitados possa virar um projeto.

Elsa: um confronto teórico, claro.

BOLETIM: essa sua ressalva me faz pensar que, mesmo em um Colóquio, pode-se questionar o outro, guardando o respeito pelo espaço alheio. Em alguns grupamentos, a impressão é que, se se ultrapassa o limite de preservarmos os espaços de cada um, aí essa linha tênue do respeito corre o risco de ser esgarçada.

Audrey: pois é, tenho a impressão que esse desrespeito nós não temos. A Adela, por exemplo, que frequentemente faz perguntas nessas circunstâncias de eventos, a gente percebe que ela está falando de um lugar claro, mas ela preserva uma posição curiosa, quer entender um pouco a partir de onde estamos falando.

Elsa: falando de um outro modo, cada uma das contribuições teóricas e clínicas, vem de Freud. E precisamos estar sempre nos remetendo à origem daquilo que foi colocado como definição de psicanálise, os grandes postulados freudianos. Dentro disso, fica mais fácil a conversa, uma vez que temos uma origem comum. Depois, cada um foi fazendo seu caminho, sendo que esses caminhos, de alguma forma, continuam se remetendo àquela origem, que é o que é psicanálise.

Audrey: Essa formação em Freud que todos nós, professores do curso, temos é interessante: por mais que cada um tenha escolhido uma abordagem, essa é nossa origem comum, a formação freudiana.

Elsa: e o fato de mantermos Freud durante todo o curso espelha a formação que tivemos e a importância que damos para o estabelecimento desse fundamento para os alunos.

Audrey: A grande maioria de nós pode dar seminário de seu recorte teórico, mas pode dar seminário de Freud também. Quando dou Freud, por exemplo, tento dar somente o texto freudiano e não Freud à luz de outros autores. Gosto de fazer

o trajeto do começo ao fim, e não começar pelos autores que vieram depois e partir deles para falar do Freud.

BOLETIM: O próprio fato de metade do curso de especialização versar sobre a obra freudiana já indica qual a importância desses primórdios para o grupo. A proposta já é essa.

Elsa: é, de cultivar essa origem comum e poder sempre estar bebendo dessa fonte.

Audrey: acho que, como o processo de filiação de cada um passa por Freud, não há uma transferência maciça com um autor pós-freudiano que impeça o diálogo entre nós.

Elsa: por um lado, acho que essa é uma marca muito importante do nosso curso, o fundamento freudiano e a pluralidade; por outro, é uma marca que eventualmente, torna-se difícil para alguns alunos, que ficam aflitos diante da apresentação dessa proposta mais plural, ao longo dos três anos.

Adela: Parece-me que, às vezes, eles sentem que gostariam de aprofundar mais o estudo dos pós-freudianos.

Audrey: na minha experiência, uma maneira de ajudá-los a se localizar melhor com relação ao autor estudado é dizer, já no início do seminário, que vamos delinear ali os postulados daquele autor. Não quero discutir a teoria, mas coloco que “essa teoria parte desse postulado”. E os alunos tem que se posicionar desde “faz sentido para mim ou não?”. Acho que o que queremos é que eles tentem entender quais são as bases que vão diferenciar as várias teorias.

Adela: nesse sentido, penso que a psicanálise com criança marca a diferença pela sua própria história. É impossível trabalhar nesse campo e não ter o mínimo de leitura de Klein, de Winnicott, ou então não saber quem é Mannoni ou Dolto. Então, não vejo muita saída para essa questão, temos que falar desses autores.

BOLETIM: deixando as aulas de lado e retomando o mote do Colóquio, parece-nos que, apesar da profusão de línguas, houve, de fato, uma interação maior entre as pessoas do que comumente se vê.

Elsa: lembro que coordenei uma mesa, em que foram apresentados 3 trabalhos, um em uma instituição, outro em uma escola e o terceiro em um hospital. Não havia uma reciprocidade de temas entre eles, mas foi muito interessante porque as pessoas responsáveis pelas apresentações conversaram bastante entre si, no momento da discussão. Surgiu um interesse pelo trabalho da outra, houve uma conversa, de fato. Não foi necessariamente um diálogo entre escolas, mas foi uma postura de se escutar e de se interessar.

Adela: penso que os colóquios têm sido também um lugar importante no qual as produções de psicanálise com criança comparecem, de vários lugares do país, mostrando uma espécie de mapa do que se tem feito nessa área. As pessoas sentem que, de lugares diferentes, podem vir aqui contar como estão trabalhando.

Audrey: acho que podemos pensar que o Departamento é um lugar de troca de experiência, de um escutar o outro, mas, de fato, não é que fazemos discussões teóricas entre nós; não temos espaço para isso e, nem sei se isso seria necessário. Talvez os eventos, os colóquios, sejam o lugar onde isso se processa.

BOLETIM: vocês concordam que, ao mesmo tempo em que temos uma marca pluralista, aberta, temos também uma espécie de congelamento de um certo grupo que sempre está à frente dos setores, das aulas, sem promover uma ampliação?

Adela: não vejo dessa forma. Ao longo dos anos, fomos modificando a maneira de admitir membros, por exemplo. Se antes, os membros eram somente aqueles que haviam

feito o curso, mais tarde, abrimos para membros externos. E hoje, estamos reavaliando todo esse processo, uma vez que tivemos colegas interessantes que se tornaram membros por essa via, mas foram poucos aqueles que efetivamente se engajaram, que aderiram à proposta do Departamento. Não vejo um panorama tão engessado assim, já que estamos tentando por diversas formas ampliar essa massa de participantes.

BOLETIM: para vocês, no corpo de professores, que conseguem levar esse projeto plural à frente, não deve ser fácil manter suas posições dentro da psicanálise em um grupo em que a escola inglesa e a escola francesa têm pesos iguais, ocupam o mesmo tamanho de espaço. O que permanecer nesse grupo requer de vocês?

Audrey: estar em um grupo assim é, na verdade, “comprar o projeto” e, ao mesmo tempo, estar construindo o projeto.

BOLETIM: um projeto de transmissão de psicanálise da criança?

Audrey: de pertencimento a um grupo de transmissão que se pauta por manter o pluralismo. E você compra esse projeto quando entra como professor.

Adela: compramos esse projeto, vendemos, mas também pagamos um preço por ele.

BOLETIM: então, o diferencial é que vocês estão dispostas a pagar esse preço?

Adela: sim, isso mesmo.

Elsa: acho que é um exercício cotidiano muito interessante de respeito ao outro, de me aproximar dele, do que ele pensa, ainda que, ou principalmente porque ele me traz algo que é diferente. Na verdade, todos temos uma atividade muito parecida com esse encontro com o diferente quando estamos exercendo nossa atividade clínica: estamos no

consultório, trabalhando com a criança e, também ali precisamos respeitar e nos aproximar do outro, do diferente. Nesse sentido, o que a Adela fala necessariamente tem a ver, de algum jeito, com aquilo que eu falo. Pessoalmente, acho esse processo muito instigante.

Adela: o que fica subjacente aí é a seguinte discussão: a psicanálise é uma ou se trata de várias? Penso que todos nós, se partilhamos desse projeto, é porque concordamos que a psicanálise é uma.

Elsa: é interessante isso que você diz, Adela, sobre a psicanálise e as psicanálises, e gostaria de apontar que uma coisa muito preciosa nesse grupo é que não somos radicais e rígidos em nossas filiações. No geral, não nos propomos a isso e conseguimos não ser assim.

Adela: no entanto, manter esse lugar do Departamento, com essa interlocução, manter esse pensamento de uma psicanálise, está cada vez mais difícil. Parece-me que, fora daqui, as escolas estão trilhando caminhos mais autônomos, os winnicottianos, os lacanianos, cada um no seu pedaço. E com relação aos nossos alunos, creio que nossa oferta de maior abrangência dificulte a adesão dos alunos ao Departamento, uma vez que muitos terminam o curso aqui e vão buscar uma especialização em determinado autor, fora daqui.

BOLETIM: o que temos hoje, de possibilidades de oferta para que os alunos sigam mais engajados no Departamento, são pesquisas, grupos de estudo, por conta do setor clínica e pesquisa. Mas é uma proposta para participar, construir junto, e não para continuar estudando em um formato vertical. O Grupo Acesso, por exemplo, é um projeto dentro do Departamento que tem procura pelos alunos, esses que você está dizendo que não manifestam tanto desejo de permanecerem aqui.

Adela: O Grupo Acesso é um projeto clínico que caminha já há algum tempo, que tem fôlego e uma certa autonomia. Tem fôlego também porque acho que não está alimentado somente pelo nosso Departamento, vem de outros lugares. Oferece uma certa prática, com reflexão. Acho que é necessário pensar se a psicanálise com crianças não tem o apelo de uma certa prática, mais até do que o de uma certa filiação teórica. O Grupo Acesso, já que vocês o mencionaram, oferece uma oportunidade prática, não segmenta por patologias e nem por autores; as crianças que atende são das mais variadas faixas etárias. O convite da psicanálise com crianças é um convite a uma certa prática. E a proposta do Acesso, de certa maneira, estende esse convite para além do curso.

BOLETIM: bem, falar de psicanálise com crianças já é fazer um recorte de uma prática dentro do campo da psicanálise, não é como falar de psicanálise simplesmente. E falar do Departamento de Psicanálise da Criança é falar de quais marcas que temos construído?

Adela: penso que, com os últimos eventos, temos marcado um lugar de convocatória, que promove um espaço para fazer um mapeamento de trabalhos com crianças, uma espécie de cartografia que vai se renovando em cada evento grande. Há algo nesses eventos que se assemelha aos Estados Gerais da Psicanálise, de juntar e de dissolver esse contingente de profissionais que pensam e fazem psicanálise com crianças. Acho que os colóquios conseguiram algo que é maior que o Departamento e que talvez fizesse falta no campo mais amplo da psicanálise com crianças. Pode ser que no futuro, reconheçamos aí uma vocação, a de ser um lugar de convocatória, de reunião, e, se assim for, talvez seja interessante investir nisso.

BOLETIM: no Diálogos da última edição do Boletim – quando conversávamos exatamente sobre o Setor Eventos – Lila disse que nossos últimos eventos espelham um

amadurecimento do Departamento, uma construção da produção do grupo. Acho que não é qualquer grupamento que consegue propor – e bancar – uma convocatória como essa – e lá se vão duas edições já.

Adela: o que percebo é que muitos vêm esse espaço como um lugar no qual podem ser escutados, e com um certo acolhimento. Levando em conta esse caminho que você está relembrando, parece-me que hoje temos mais estofa para então enfrentarmos um certo medo da discussão das diferenças, das discordâncias, exatamente daquilo que falávamos no início de nossa conversa. Ψ

Além da equipe do Boletim, participaram dessa conversa:

Audrey Setton Lopes de Souza. Psicanalista, professora doutora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), onde atua como professora, pesquisadora e orientadora de graduação, mestrado e doutorado. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Membro do Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae, no qual atua como professora do curso de formação em Psicanálise da Criança e do curso de Introdução à Intervenção Precoce na Relação Pais-Bebê. É professora do curso de Psicanálise da Criança na Clínica Dimensão, em Goiânia; e do curso de especialização em Psicopatologia e Saúde Pública (USP). Autora do livro "*Pensando a Inibição Intelectual*"; organizadora e autora do livro "*Psicanálise com crianças- perspectivas teórico-clínicas*" e de escritos psicanalíticos em livros e revistas especializadas.

asetton@uol.com.br

Adela Stoppel de Gueller. Psicanalista. Formada em psicologia pela Universidad de Buenos Aires. Mestre e doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Autora de *Vestígios do Tempo. Paradoxos da atemporalidade no pensamento freudiano*, Editora Arte & Ciência, 2005; Organizadora do livro *Psicanálise com crianças na contemporaneidade: extensões da clínica*, Dimensão editora, 2007. Co-autora de *Atendimento psicanalítico de crianças*. Ed. Zagodoni, 2011. Professora do curso de especialização em "Teoria Psicanalítica", da COGEAE-PUC/SP. Professora do curso de Psicanálise da Criança do Instituto, Sedes Sapientiae e na Clínica Dimensão (Goiânia). Membro do departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae. Integra a equipe Clínica interdisciplinar Prof. Dr. Mauro Spinelli. adelastoppel@terra.com.br

Elsa Vera Kunze Post Susemihl

Psicóloga - Psicanalista

membro do Departamento de Psicanálise da Criança, professora do curso de Especialização do Departamento de Psicanálise da Criança e dos cursos de extensão: “Leituras Psicanalíticas do Brincar” e “Psicanálise Da Criança: Configuração de um Campo”; membro efetivo e docente da SBPSP e membro da IPA. esusemihl@gmail.com